

Sobre drogas e borrachas

Marseille Cristine J. Santos

Estagio numa escola pública em bairro central e venho aqui contar uma experiência inusitada: no meio de uma das aulas vejo um aluno apagando freneticamente algo com uma borracha, daquelas verdinhas (que ninguém nunca terminou), por alguns minutos. Notei algo estranho quando vi que o garoto não estava soprando ou fazendo qualquer menção a limpar sua mesa das raspas de borracha, mas sim as acumulando cuidadosa- mente num canto da mesa. Ao final da aula, ficou claro qual era o propósito de todas aquelas lascas de borracha: foram enroladas num daqueles sacos marrons de pão (provavelmente vindo da cantina) e acesas, como um baseado.

VIDAS (DES)ORDINÁRIAS

Érica Speglich¹
Antonio Carlos Amorim²

Neste ensaio, adentramos em registros de acontecimentos que se dobram e transversam entre o estágio supervisionado para o curso de formação de professores de Biologia da Unicamp e a escola pública. São encontros, fraturas, capturas e intensidades com crônicas escritas por estudantes que buscam, especialmente, adensar as experiências do cotidiano na escola com as linhas vazadas da vida de futuras/os professoras/es de Biologia.

Há certa armadilha num convite para criar um artigo a partir de crônicas escritas por alunos da licenciatura sobre suas experiências de estágio supervisionado: fica difícil encontrar qualquer fagulha de desejo de escrever outro estilo que não seja uma crônica³. Ou algo em torno de.

Há certa armadilha na leitura de relatórios de estágio supervisionado: os textos te envolvem em sua cotidianidade intensa, movimentam os corredores e salas escolares de nossas memórias com cheiros e sabores que parecemos conhecer.

Estagiar no Cotuca me cutucou
Cutucou meu passado de aluna
Cutucou minha vontade de lecionar
As lembranças e aquela lacuna
No peito que não vai se fechar⁴

Leituras que trazem *re-encontros* com diálogos que parecem já ter acontecido muito mais do que uma vez e te armadilham em pensamentos de já sei, já conheço, é sempre igual: começa assim, caminha por ali e termina acolá. E começo, primeiramente, citando o quanto me senti segura conseguindo estágio em uma escola que eu já me sentia confortável. Mas teve outro ponto que, de certo modo, me incomodou. O que eu colocaria no relato como observações gerais? A escola já não me provocaria a mesma sensação de antes, os banheiros, por exemplo, que antes me horrorizavam por lembrar uma prisão,

¹ Universidade Estadual de Campinas.

² Universidade Estadual de Campinas.

³ “A crônica é um gênero discursivo no qual, a partir da observação e do relato de *fatos cotidianos*, o autor manifesta sua *perspectiva subjetiva*, oferecendo uma interpretação que revela ao leitor algo que está por trás das aparências ou não é percebido pelo senso comum. Nesse sentido, é finalidade da crônica *revelar as fissuras do real*, aquilo que parece invisível para a maioria das pessoas, ajudando-as a interpretar o que se passa a sua volta” – texto enviado aos alunos como orientação para a construção dos textos finais do estágio supervisionado (grifos dos professores). Proposta elaborada por Pamela Zacharias Sanches Oda e Lilian Carla Barbosa Maçaneiro, participantes do Programa de Estágio Docente (PED) no primeiro semestre de 2014 na disciplina Estágio Supervisionado II (876) para estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas da Unicamp.

⁴ Luciene Silva dos Santos

pelas grades que apresentam não me chamariam mais tanta a atenção, talvez por costume⁵.

Eu estou na escola... Por quê? Será que é para aprender?⁶ Nestes relatos há o desejo de licenciandos de aprender na prática, dar aulas, pois, de fato, eu estava cansada de observar (...) ponto alto da reunião com o orientador de estágio veio de um comentário completamente despretenso e despreocupado de outra aluna. Em certo momento, o professor perguntou se não estávamos cansados de observar as aulas - já que, sendo dadas pelo mesmo professor, elas tendiam a seguir o mesmo estilo - e eu pensei: “SIIIIIMMM!!!” A tal aluna, então, comentou baixinho com a amiga que estava sentada ao lado dela: “Ah, mas eu não fico prestando atenção no professor ou na aula, eu observo os alunos, o que eles estão fazendo”. Naquele momento, eu percebi que, o tempo inteiro, eu estava olhando para o lugar errado. Eu estava olhando apenas para frente quando seria muito mais interessante olhar em volta!⁷ E é uma ânsia por uma prática que aconteça logo, no início do ano, do semestre, do estágio (afinal, não é “Prática de Ensino”?). A escola, aquela tão conhecida e vivida, não parece ser um espaço-tempo que precise de nova entrada cautelosa, observadora. Parece, antes, que nós todos/as já a conhecemos de todos os ângulos e todos os seus possíveis.

Nesses relatos, há o choque com a postura de alguns alunos que, muitas vezes, é vista como desinteresse (pela escola, pela vida) e o desejo de interessá-los. Como passar incólume ao outro garoto a seu lado, sentado a duas carteiras de distância dele, ouvindo música distraidamente, e um outro franzino, deitado em sua carteira. Não exibia roupas de marca, como tantos outros. Não tinha um tênis da moda, nem um boné, celular, ou relógio descolado. Apenas o uniforme da escola. Estava deitado sob sua carteira, mas não dormia. Isso me incomoda, mas não consigo entender o porque. Em meio a conversas, broncas, reações e ciclos, perguntas e olhos brilhando, a aula acaba. E o menino continua lá, deitado⁸.

As crônicas transpiram sensações e esparramam as dúvidas. Porque eu sei que ainda há esperanças, mas por onde começar?⁹. As crônicas se constroem na libertação da necessidade de explicar, contextualizar e justificar. E esses movimentos aparecem em cenas, poesias e questionamentos sem fim. É contraditório pensar (...). É contraditório pensar (...). É contraditório pensar (...) Escola, alunos, professores/as e licenciandos/as (e, raramente, o/a supervisora de estágio) são personagens de conflitos aos quais não se busca uma solução mas se evidenciam questões. Como

Já havia presenciado alunos acenderem, de fato, cigarros de maconha no decorrer de uma aula nesta escola, mas aquilo foi algo além. Ali havia a prova que fumar um cigarro de maconha (ou, aparentemente, de qualquer coisa verde), era algo digno de orgulho. Não era difícil de acreditar, afinal a escola era frequentada por traficantes, como professores haviam me alertado, mas ver ainda foi surpreendente. Ali tínhamos uma pessoa fingindo fumar maconha apenas pelo status social que acender o cigarro da droga passava. Fiquei sabendo, pouco depois, que os alunos haviam tido palestras sobre o consumo de drogas e seus efeitos na saúde, e me pergunto até quando essa política de proibição de drogas de fato serve para alguma coisa. Algo tem que ser feito de forma diferente, nosso modelo atual se esgotou. Como se pode pensar que a proibição funciona quando temos em sala de aula pessoas que acendem cigarros da droga, que fumam uma borracha para parecer estarem fumando a droga (e se sentirem incluídos no grupo de pessoas que fuma, que aparentemente goza de um status social maior naquele grupo social), e professores são intimidados por traficantes em sala de aula?

Algo tem que mudar.

⁵ Priscila Padilha

⁶ Renata Contriciani

⁷ Aline da Silva Giroux

⁸ Tomás José Momoli Giacopini

⁹ Renata Contriciani

explicar tamanha contradic,ão? Não gosto de generalizac,ões, pois nossa sociedade é feita de contradic,ões. É contraditório pensar¹⁰.

Na leitura conjunta, alternada, na mistura de formas, de questionamentos, de desejos, de encontros, crônicas e relatórios vão deixando rastros e fissuras e uma questão: o que nos anima à docência?

Nos anima pois somos muitos/as: professores/as de estágio, estagiários/as de docência no ensino superior, licenciandos/as – estagiários/as da licenciatura e professores/as da educação básica. Sou apenas um estagiário, mas fui incumbido da heróica missão, por assim dizer, de formar pessoas¹¹. Somos muitos/as que já aceitaram o convite-incumbência de formar pessoas e somos muitos/as que se atrevem a olhar com atenção a esse convite. Algo tem que ser feito de forma diferente, nosso modelo atual se esgotou¹².

Anima, pois nos faz acordar toda manhã pontualmente às 5 horas com um despertador barulhento¹³ e nos move a procurar aquilo que pode animar o outro: a querer ser professor/professora, a querer aprender sobre DNA, lisossomos, ciclo do nitrogênio e do oxigênio, políticas públicas para educação, a se permitir enxergar a escola com olhares menos viciados. A se permitir enxergar as experiências de estágio com olhares menos viciados. Ainda que (ou especialmente) em repetição.

Gostei muito de preparar aulas, a sensação da expectativa de cada semana foi sensacional, nos animamos pela surpresa. Eu não sabia o que aconteceria, qual seria a surpresa daquela semana, mas impressionantemente, a cada aula, eu conseguia ter uma percepção diferente, me recordar de algo tão parecido, num cenário com as mesmas figuras, apenas num espaço diferente e um tempo diferente¹⁴. E também nos animamos por/com pessoas que se permitem surpreender pelas repetições. Como professores/as de estágio insistimos num convite a um olhar em volta, provocativamente mais interessante do que apenas para frente e esperamos e ansiamos pela surpresa da repetição no re-encontro com a escola. Também no re-encontro com a disciplina escolar (aqui, biologia) e as criações que a fazem escolar e não apenas biologia.

Também a animação daquilo que foi milimetricamente planejado e pensado e esperado e cuidado e, surpreendentemente, nos proporcionou uma vivência diferente na escola, não nos mantivemos o tempo todo passivas apenas assistindo às aulas, conseguimos participar delas e introduzimos uma experiência diferente tanto para os alunos quanto para os funcionários, estreitando suas relações¹⁵.

Também a animação da surpresa inesperada, surpresa mesmo, de algo que não foi vivido antes, que não foi pensado, nem planejado, nem sequer cogitado como possível. Novas possibilidades que se abrem em/de encontros, como aquele erro que foi mais valioso que todas as respostas corretas que aquele garoto me deu naquele dia. Não foi um erro qualquer, foi um erro baseado em um raciocínio e numa tentativa de resolução de problema¹⁶. São nos pequenos encontros, na conversa no fundo da classe, nas perguntas em meio ao corredor, na saída da escola, no comentário dos colegas na orientação do estágio, no olhar

¹⁰ Camila Vieira Soler

¹¹ Tomás José Momoli Giacopini

¹² Marseille Cristine J. Santos

¹³ Ariane Campos

¹⁴ Priscila Padilha

¹⁵ Fernanda Meneguín Seraphim

¹⁶ Aline da Silva Giroux

de um/a aluno/a, no questionamento de um/a professor/a que se abrem fissuras e se criam as possibilidades das crônicas. Aquelas de fatos cotidianos que parecem invisíveis.

Minha impressão ao longo das aulas foi de que os alunos, na maioria (afinal, sempre têm os que estão totalmente desinteressados) estavam gostando muito de conhecer um pouco mais sobre a pesquisa na Universidade¹⁷.

Animam-nos os/as alunos/as que se animam a conhecer um pouco mais sobre algo que nos propomos a apresentar, que se propõem a conversar, perguntar, questionar – quer seja sobre o conteúdo, quer seja sobre uma dúvida ou uma curiosidade que possuem.

Olhos que indagam, olhos perdidos
Olhos no smartphone distraídos
Olhos que brilham escondidos
Olhos cansados caídos...
Olhos, muitos olhos...
Olhos que falam incessantemente quietos¹⁸

Os pequenos encontros, surpreendentes, animadores.

Todos/as nos animamos com a aceitação dos convites verbalizados e não verbalizados que fazemos a todo momento. Por

Professores que dialogam
Alunos que interagem
No clima amigável se vão
Slides e mais slides...
Loucura pouca é bobagem
Quando o assunto é aprendizagem¹⁹

Convites para pensar, para criar, para seguir conosco em busca de novos possíveis para a escola e para a docência. Para quem se propõe a acordar, tomar banho, se arrumar mais que o comum, não sei, na verdade, explicar o porque disso, talvez porque senti que deveria estar com a postura de uma professora séria para ganhar a atenção dos alunos, talvez por sentir que aquela era uma ocasião especial e diferente do que estava acostumada até então, era novidade²⁰. Para aqueles/as que ainda se preparam especialmente para ocasiões que se repetem. Que se deixam surpreender.

¹⁷ André Gardelino Savino

¹⁸ Luciene Silva dos Santos

¹⁹ Luciene Silva dos Santos

²⁰ Priscila Padilha

Sobre os autores

Érica Speglich possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Sua produção caminha entre imagens, cinema, educação, ciência, divulgação.

E-mail: speglich@gmail.com.

Antonio Carlos Amorim possui graduação em Ciências Biológicas, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Livre Docente no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte – FE/Unicamp.

E-mail: acamorim@unicamp.br.

*“Crônica”**Tomás José Momoli Giacomini*

Era uma manhã chuvosa, e meu dia de dar aula para aqueles alunos. Sou apenas um estagiário, mas fui incumbido da heroica missão, por assim dizer, de formar pessoas. A minha sorte é de não estar sozinho nesta missão, a estagiária que trabalha comigo participará dela. Como todo difícil começo, logo que saí esqueci meu material em casa. Atrapalhado! Percebo no meio do caminho e, me repreendendo, volto para casa. Ligo para ela.

_ Oi! Então, esqueci o material da dinâmica. Você pode começar a aula, primeiro? Sim? Quanto tempo vou demorar, hmm talvez meia hora... ok, obrigado.

Meia hora! Repreendendo-me ainda pelo esquecimento, pego o material em minha casa e vou para a escola. Entro na sala de aula, e encontro a estagiária. Acabava de passar as últimas lições na lousa. Era minha vez.

Pego o apagador e começo a passá-lo na lousa, lentamente, enquanto termino de esquematizar a aula mentalmente. Uma onda de ansiedade percorre meu estômago. Me viro para a sala e escrevo o título da aula.

_ Então pessoal, hoje vou passar para vocês o...

À medida que vou falando, escrevo o título da aula. “Ciclo do Nitrogênio”. Enquanto escrevo algumas reações na lousa, ouço o volume das conversas aumentar. Peço para prestarem atenção, e eles param. Começo a explicar e tentar fazer com que eles participem da construção da explicação. Alguns poucos fazem. A maioria fica me olhando, e isso me constrange. Será que entenderam? Vasculho a sala com meu olhar. Um grupo de alunos, que demonstram interesse, sentados à minha frente, dois garotos no fundo da sala, conversando, um garoto rabiscando em seu papel o que parecia ser um desenho, uma garota dormindo despreocupadamente, um menino mexendo em seu celular, assim como tantos outros, um outro garoto a seu lado, sentado a duas carteiras de distância dele, ouvindo música distraidamente, e um outro franzino, deitado em sua carteira. Não exibia roupas de marca, como tantos outros. Não tinha um tênis da moda, nem um boné, celular, ou relógio descolado. Apenas o uniforme da escola. Estava deitado sob sua carteira, mas não dormia. Isso me incomoda, mas não consigo entender o porquê. Em meio a conversas, broncas, reações e ciclos, perguntas e olhos brilhando, a aula acaba. E o menino continua lá, deitado.

...

Não, não é um bom jeito de se começar uma crônica. Existem mais coisas, que vão além do óbvio. Daquilo que obviamente se vê. Seria justo eu analisar tudo apenas sob minha ótica? Como é difícil a tarefa de escrever uma! Existem tantas realidades que me atraem. Mas como posso começar? Por onde virá a reflexão? Eu deverei buscá-la ou ela simplesmente aparecerá? Ela já está marcada em mim ou devo marcá-la? Mas o que me marcou? Vejamos... A diferença

social entre os alunos; o garoto negro e franzino, cabisbaixo, deitado em sua carteira no fundo da classe, que permaneceu assim a aula inteira. Por que sofria?... Talvez fosse melhor começar assim:

Era uma manhã chuvosa. O garoto que estava do meu lado mexia sem parar em seu celular. Seus dedos deslizavam freneticamente para cima e para baixo. Subitamente param, e o garoto pára também. Seu rosto se enche de espanto e empolgação. O que viu devia ser algo incrível. Seus olhos perscrutam a sala, olham todos ao seu redor, passam por mim e pelo menino franzino. Se detêm. O que pensam? Tento em vão adivinhar, não esboçam expressão. Se encontram indiferentes. O menino franzino nem reparou nos segundos a mais de seu colega. Colega ou amigo? Enfim voltam a se movimentar e encontram um garoto, a duas carteiras de distância, ouvindo música em um aparelho eletrônico. Um Iphone? 5? Mas o que importa a marca? Que importa qual era o aparelho? Ele ouvia música e ignorava. Ignorava a professora falando em frente à lousa, ignorava a chuva, ignorava a garota bonita sentada a sua frente, ignorava seu perfume, ignorava o menino atrás dele, que fazia um desenho cabalístico incrível, ignorava os gritos e ignorava seu amigo, sentado a duas carteiras de distância, que o chamava quase que aos berros.

...

Não, ainda não está bom. O que importa se alguém escolhe não se atentar a aula? E o menino franzino, como fica? Ele parece sofrer calado e também é ignorado. Será? Talvez eu tenha errado em assumir que aqueles olhos que se detiveram por alguns segundos o tenham ignorado. Mas o que pensavam, então? Talvez fosse melhor começar assim:

É uma manhã chuvosa, e isso me desanima demais. Odeio a chuva, pois fico assim, melancólico. Não consigo pensar em nada de engraçado e não consigo prestar atenção em muita coisa. As gotas caem e se chocam com o chão, com as telhas e janelas, com os carros, com as árvores e as pessoas. Meu humor também cai com essas gotas. Mas não se choca com nada, e por isso tenho que tomar cuidado. É perigoso. Onde irá parar? Numa tentativa, puxo meu celular e procuro algo que me distraia dos meus próprios pensamentos. Meus dedos deslizam para cima e para baixo enquanto entro em um site de vídeos. Página principal. Histórico de vídeos. Vídeos recomendados. Que vídeo é este? Abro e começo a vê-lo. Uma onda de calor me percorre por dentro, meu cérebro parece acender-se. Que vídeo! Meu bom humor parece voltar. Sinto uma necessidade súbita de mostrá-lo a alguém. Quem? Começo a percorrer a sala com meu olhar. Dois garotos, sentados nas últimas carteiras da classe no lado da parede, virados um para o outro, conversando sobre qualquer assunto. Uma menina a algumas carteiras à frente deles, dormindo. Um grupo de nerds nas primeiras carteiras, prestando atenção a cada palavra que a professora fala sem parar. Um pouco mais atrás de mim o estagiário da professora, que fica fazendo anotações e mais anotações em seu caderno.

Qual é a necessidade disso? Ele já dera algumas aulas, interessantes até, então porque continua com essa besteira de escrever? Continuo a procurar e me deparo um colega meu, negro e

franzino, de cabeça raspada. Nunca falei com ele. Mal sei seu nome, apenas o apelido. Ele está deitado sobre a carteira, mas não dorme. Não demonstra reação, mas isto não se torna necessário. Sua expressão fala por ele. Está triste. Seus olhos abertos e paralisados se encontram afundados. Lentamente se levanta da carteira, mas a cabeça permanece mirando o chão. Está triste. Mas com o quê? Um problema financeiro? Alguma briga na família? Algum familiar preso? O quê? Talvez se mostrasse meu vídeo, ele se animaria. Mas nunca falei com ele. Ninguém nunca falou com ele. Continuo procurando algum amigo que me dê vontade de mostrar meu vídeo. Deparo-me com um sentado a duas carteiras de distância, encostado na parede, ouvindo música e marcando o ritmo com os pés. O chamo, porém não olha. Grito seu nome.

...

Fico eu pensando, enquanto escrevo essa crônica, se fui injusto com o menino negro e franzino. Não o conheço e já emito pareceres sobre ele. Julgo sua família, sua condição social. O comparo com os colegas. Essas coisas não passam despercebidas aos meus olhos e, com certeza, pelos olhos de seus colegas, que o olham. E ninguém conversa com ele. Mas e ele? Como olha? Talvez o certo fosse começar por ele:

É uma manhã chuvosa e para piorar, segunda-feira. Estou extremamente cansado. Fico deitado em minha carteira pensando quando esse dia vai acabar. Que suplício. Meu corpo inteiro dói, minha cabeça parece estar inchada e latejando por dentro. Vejo que a ausência de meus pais nesse fim de semana me mostrou que posso sofrer por minhas próprias escolhas. E apesar de tudo, sinto a falta deles. Tentei de tudo para esquecê-los. Fiquei jogando videogame até a madrugada, e agora estou inteiramente moído. Pensei em ir visitar meu irmão, mas ele fica naquela prisão. Está preso. Este pensamento ecoa em minha cabeça e me angustia por dentro, junto com a ausência de meus pais. Está preso. Preso em seu próprio negócio, afinal grandes empreendedores vivem assim. Enquanto meus pais viajam para a Europa e se divertem por lá me deixaram aqui, nesta escola pública, afinal “estudar é muito importante, e se você não consegue aprender isso, não ficaremos gastando dinheiro com escolas caras”. Odeio essa escola, odeio essas pessoas. E não vou conversar com ninguém até que bata o sinal.